

ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

ALUNA: Laura Emília Souza da S. Soares.

RG: 2020.0903.004-1

FICHAMENTO: Psicanálise em diferentes contextos – 100h

TEXTO 01

Um Psicanalista Fazendo Outra Coisa: Reflexões Sobre Setting na Psicanálise Extramuros.

MAIA, M. V. C. M.; PINHEIRO, N. N. B.. Um psicanalista fazendo outra coisa: reflexões sobre setting na psicanálise ext. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 3, p. 656–667, 2011.

“Assim também ocorre na clínica; há momentos preparatórios que antecedem o trabalho propriamente dito e criam suas condições de possibilidade.” (p. 657)

“Winnicott (1962/1982), anos depois, retoma essa questão. [...] Em sua opinião, psicanálise é para quem necessita, deseja e pode suportá-la. [...] a possibilidade de pensarmos sobre o nosso trabalho a partir de um referencial não exclusivamente ortodoxo, no qual apenas o clássico trabalho analítico é importante e designativo de um psicanalista. [...] mas ter a clareza de que, em algumas ocasiões, e diante de determinados pacientes, podemos ser psicanalistas que fazem alguma outra coisa.” (p. 658)

“No entanto, em contraste com essa flexibilidade técnica, encontramos em sua obra um autor extremamente rigoroso em termos de teoria, e várias vezes o vemos sustentar seus argumentos sem ceder um milímetro em suas posições metapsicológicas.” (p. 663)

“Winnicott (1962/1982) afirma ser fundamental para um tratamento que o analista se mantenha bem, desperto e, sobretudo, vivo. Vivo, para ele, significava que o analista deve sobreviver aos ataques agressivos de seus pacientes para que, com isso, possa ser constituído, neles, como um objeto subjetivo do qual poderão fazer uso próprio.” (p. 664)

“[...] os trabalhos de Freud e de Winnicott parecem indicar que a questão referente ao setting na psicanálise se relaciona muito mais com o campo teórico que embasa nossas concepções sobre o ser humano, sua construção como sujeito desejante, vivo, na tarefa incessante de se relacionar com o mundo do que com o lugar em que nosso trabalho de desenvolve. Os lugares serão apenas suportes materiais para que uma outra cena se inaugure, uma outra narrativa seja possível, uma outra história possa ser contada.” (p. 664-665)

“Pois, em essência, em uma análise: Você se dedica ao seu caso. Você aprende a saber como é se sentir como seu cliente. Você se torna digno da confiança para o campo limitado de sua responsabilidade profissional. Você se comporta profissionalmente. Você se preocupa com o problema de seu cliente. Você aceita ficar na posição de um objeto subjetivo na vida do cliente, ao mesmo tempo em que conserva os pés na terra. Você aceita amor, e mesmo o estado de enamorado, sem recuar e sem representar sua resposta. Você aceita ódio e o recebe com firmeza, em vez de recebê-lo com vingança. Você tolera em seu cliente a falta de lógica,

de inconsistência, suspeita, confusão, debilidade, mesquinhez, etc, e reconhece todas essas coisas desagradáveis como sintomas de seu sofrimento (Winnicott,1963b/1882, p. 205).” (p. 665)

TEXTO 02

A Psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades.

MACHADO, M. D. V.; CHATELARD, D. S.. A psicanálise no hospital: dos impasses às condições de possibilidades. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 16, n. 1, p. 135–150, jan. 2013.

“Reinventar a psicanálise para além dos consultórios particulares é uma demanda imposta pela cultura, e, por isso, é necessário e vital o esforço do analista em recriar a psicanálise para o avanço dessa clínica. Freud afirma seu desejo pela extensão da psicanálise em vários momentos de sua obra. No entanto, não chega a teorizar sobre a inserção da mesma nos diferentes estabelecimentos do saber.” (p. 136)

“[...] — “inventa a psicanálise, tendo a ideia originalíssima de deixar as pessoas falarem a respeito do que lhes acontecia e buscando nessa fala elementos que pudessem dar uma pista sobre a origem, o motivo e o sentido desses sintomas” (MEZAN, 1998, p.212). [...] “Freud se dá conta de que as pessoas, ao falarem, dizem muito mais do que imaginam estar dizendo. Cria então o primeiro conceito chave da psicanálise: o conceito de inconsciente” (idem, p.213).” (p. 136 - 137)

“[...] o inconsciente é aquilo de que não se tem consciência. Ao longo das suas investigações, Freud acaba percebendo que o inconsciente obedece a certa lógica e que os sintomas esquisitos dos quais as pessoas se queixam têm um sentido, desconhecido pelo próprio indivíduo.” (p.137)

“Atualmente, percebe-se que o futuro vislumbrado por Freud já é o nosso presente, uma vez que os psicanalistas são convocados a intervir nos diferentes campos, e a psicanálise se torna cada vez mais objeto de curiosidade de profissionais não analistas.” (p. 138)

“[...] A extensão da psicanálise aos mais diversos meios jurídicos, educacionais, hospitalares e artísticos faz com que os dispositivos analíticos corram constantemente o risco de perderem seu rigor ético e singular.” (p. 138)

“No caso dos hospitais gerais, espaço privilegiado por este trabalho, observase que a inserção da psicanálise nos coloca diante de todas essas preocupações, tornando-as desafiadoras para as condições de possibilidades da psicanálise nesses locais. A partir da prática nos hospitais, observa-se que a extensão da psicanálise para esses espaços pode fazer com que ela se misture com a promoção de tratamentos que visariam simplesmente restabelecer o equilíbrio, o bem-estar, a saúde perdida.” (p. 138)

“O psicanalista pode ser solicitado pelo médico para eliminar um fenômeno psíquico, para tentar acalmar qualquer situação de angústia ou para convencer os pacientes a aceitarem algum procedimento ao qual ele se opõe ou resiste. Eliminar, acalmar, convencer... Esses são termos que frequentemente envolvem o pedido do médico ao analista.” (p. 139)

“Freud (1913/1996) afirma que a regra fundamental da psicanálise é a associação livre, ponto que marca o início do tratamento analítico [...] O analista, no encontro com o paciente, vai operar com a transferência e, por meio da interpretação, coloca-se em uma posição em que o sujeito é levado a produzir, por suas próprias palavras, o saber do inconsciente.” (p. 139)

“Para que o psicanalista possa praticar sua especificidade, ele precisa ter clareza de seus propósitos. No contexto hospitalar, o psicanalista com frequência sofre demandas provenientes de outros campos do saber e é importante que ele saiba disso, pois, às vezes, é preciso recuar.” (p. 146- 147)

“O psicanalista no hospital se afasta das normas e padrões adotados pelas técnicas convencionais. Ele encontra à sua disposição um conjunto limitado de utensílios e materiais. Além da ausência do tradicional divã, muitas vezes faltam salas para o atendimento ou, embora elas existam, os atendimentos podem também ocorrer nos corredores ou escadarias do hospital.” (p. 148)

“Nesse ponto, introduziremos a ideia de que uma condição mínima para que o trabalho do psicanalista no hospital seja viável é sua capacidade de inventar meios de oferecer condições para a instalação dos dispositivos psicanalíticos.” (p. 149)

TEXTO 03

Limites e possibilidades da escuta clínica dentro de um hospital geral

SABBAGH, A. L. M.; SCHNEIDER, V. S.. LIMITES E POSSIBILIDADES DA ESCUTA CLÍNICA DENTRO DE UM HOSPITAL GERAL. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 23, n. 3, p. 109–116, set. 2020.

“A inserção do psicanalista no ambiente hospitalar brasileiro é ainda recente se comparada à presença de outros profissionais da equipe de saúde, porém já suscitou inquietações e interrogações importantes acerca do trabalho clínico nesse campo – Moura (2000); Moreto (2002); Simonetti (2013); Kamers; e Marcon e Moretto (2017) são alguns exemplos de autores que se debruçam sobre o tema da construção de um espaço de prática psicanalítica nos equipamentos de saúde pública, da atenção básica aos hospitais gerais.” (p. 110)

“Trata-se de uma pesquisa que inclui o investigador na relação com o objeto de pesquisa, uma vez que a apreensão através da escuta clínica se dará no processo, em uma construção

conjunta e que trará transformações para ambos os envolvidos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006).” (p. 110)

“Na abordagem inicial, Abel fala de seu adoecimento, das perdas subsequentes, da piora da doença, agora com novos prejuízos. Afirma “Minha doença não tem cura”, e emenda “O que você pode fazer por mim?”. Diante de tal interrogação, posta à beira-leito, o atendimento segue, aparentemente trôpego [...] A pergunta lançada sobre o que se pode fazer por esse paciente, diante da situação em que se encontra, mobiliza outras interrogações a respeito da prática dentro do hospital geral, e é imprescindível saber que prática é essa – o que a fundamenta, o que pretende – e onde ela busca se inserir.” (p. 111)

“O caráter singular manifesto nessas formações do inconsciente é crucial quando se pretende escutar essa dimensão do sujeito. Compreende-se a pertinência e importância de sustentar essa escuta, a fim de dar espaço para que o sujeito do inconsciente emergja e tenha um lugar reservado junto ao paciente, tendo em vista que, dentro do hospital, muitas vezes a subjetividade “é apenas educadamente convidada a se sentar na sala de visita e por pouco tempo, não adentrando a intimidade do quarto do paciente” (SIMONETTI, 2013, p. 134.). Tenciona-se dar lugar, portanto, a essa esfera singular. Contudo, a angústia, intimamente ligada ao inconsciente e suas formações, segue se manifestando, com ou sem uma escuta específica, havendo ou não protocolos, uma vez que a subjetividade opera a partir de uma lógica própria, criptografada.” (p. 113)

“Podemos notar que a prática clínica no hospital geral é permeada por espaços públicos, com circulação de pessoas, interrupções ou perturbações as mais diversas e, muitas vezes, inadiáveis”(p. 114)

“Novamente, o sujeito do inconsciente está presente independentemente de onde estivermos, e sua manifestação produz efeitos sobre os demais com quem o sujeito está em relação. A realidade psíquica de cada sujeito é própria, avaliada no caso a caso. A intrassubjetividade e a intersubjetividade – isto é, as instâncias inconscientes do sujeito e o sujeito em relação com os demais – continuam ocorrendo e trazem consigo desdobramentos os mais variados, sendo esse o campo específico de trabalho para o psicanalista.[...] O trabalho realizado no um a um a partir do que se escuta é sempre a posteriori, uma vez que o significado das ações é conferido em um só-depois, isto é, a atribuição antecipada de sentido numa via protocolar tem serventia a outros aspectos que não o psicanalítico.” (p. 115)

“Entendemos que o trabalho da clínica psicanalítica, na qual o sujeito do inconsciente é responsável por dar direcionamento ao que é dito e feito – e que nem sempre se tem consciência das escolhas e desdobramentos –, só é possível dentro de um hospital geral se aquele que pretende praticá-la estiver disposto a interrogar não só os pacientes internados na instituição, mas a si próprio, a fim de que opere uma abertura e afinamento da escuta clínica que suscita a emergência do sujeito no ambiente em que estiver.” (p.116)

TEXTO 04

Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor

PEDROZA, R. L. S. Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 30, 1º sem. de 2010. (p. 81-96)

“A relação entre psicanálise e educação vem de longa data, desde que Freud demonstrou seu interesse pela pedagogia na intenção de possibilitar uma melhor compreensão por parte dos educadores sobre o desenvolvimento da criança e do adolescente (FREUD, 1913). [...] . Os sentimentos de admiração e de respeito são transferidos do pai para o professor, assim como a “ambivalência afetiva” que reside na antítese amor-ódio.” (p. 81)

“Dessa maneira, podemos dizer que o professor é objeto de transferência e está ligado a “protótipos”, principalmente à imagem do pai, mas que podem também estabelecer-se conforme a imagem da mãe, do irmão, etc., ou seja, as pessoas estimadas ou respeitadas.” (p. 81)

“O problema da educação sempre esteve presente no pensamento de Freud, sendo o texto de 1927, O futuro de uma ilusão, considerado como testamento pedagógico.” (p. 82)

“A finalidade da educação é a instauração do princípio de realidade, ou seja, é permitir ao indivíduo, submetido ao princípio do prazer, a passagem de pura satisfação das pulsões para um universo simbólico, que faz referência a uma lei, a lei da castração.” (p. 82)

“ [...] na relação professor-aluno, é criada uma barreira entre o um professor “que sabe tudo” e um aluno “que não sabe nada”, que garante e contém um conjunto de proteções e resistências. A pedagogia funciona como um drama que repete muitas vezes situações da família. Na escola, o desejo de saber do aluno se confronta com o desejo do professor, que está ligado a um ideal pedagógico colocado por ele mesmo, desde o início, e que se interdita ao mesmo tempo em que se mostra ao aluno.” (p. 82)

“Para Mauco (1979), o educador age sobre a criança muito mais no nível do inconsciente do que do consciente. Ele não age apenas pelo que diz ou pelo que faz, mas sim pelo que é.” (p. 83)

“ Cada um procura satisfazer seus desejos inconscientes. Porém, a criança, por ser mais fraca psiquicamente, [...] podemos afirmar que não basta à criança possuir uma inteligência e uma saúde física satisfatórias para se desenvolver e se afirmar na aprendizagem escolar. É necessário também que tenha uma educação afetiva que lhe permita desenvolver uma sensibilidade relacional com os outros, podendo se servir de suas capacidades físicas e intelectuais [...]” (p. 83)

“ A premissa fundamental da psicanálise é a diferenciação do psíquico em consciente e inconsciente. E sua grande utilidade é, sem dúvida alguma, a tentativa de trazer o inconsciente até o consciente levando as repressões e preenchendo as lacunas mnêmicas. [...]

Para a psicanálise toda e qualquer ligação do sujeito com o mundo significa investimento afetivo. Dessa maneira, são de grande importância para a educação os resultados das investigações psicanalíticas, que reivindicam para os processos afetivos a primazia na vida psíquica.” (p. 84)

“O lugar da sala de aula constitui um encontro de vários sujeitos com múltiplas ocasiões de transferência. A relação entre o sujeito do inconsciente e o sujeito social deve ser tratada a partir de diferentes abordagens complementares (Psicologia, Psicanálise, Antropologia) que permitam a elaboração de uma real articulação entre um pensamento crítico e a ação profissional.” (p. 85)

“A tentativa de Anna Freud (1958) de aplicação da psicanálise à pedagogia é na contribuição de uma visão crítica das normas pedagógicas existentes, por ser a doutrina da pulsão. Ela amplia o conhecimento que o pedagogo tem do homem, aguçando seu entendimento sobre as relações complexas entre a criança e os adultos que a educam. [...] O educador baseado em idéias psicanalíticas tem que renunciar à atividade excessivamente programada, obsessivamente controlada.” (p. 89)

“Portanto, a importância da Psicanálise na formação dos educadores não está no sentido de lhes proporcionar mais uma técnica pedagógica, desenvolvida a partir de uma teoria desvinculada da prática, mas, sim, de remeter-lhes a um constante questionamento sobre sua prática pedagógica e sua relação com o educando.” (p. 90)

TEXTO 05

O desejo e a aprendizagem da leitura e da escrita.

HOPPE, M. M. W.; FOLBERG, M. N.. O desejo e a aprendizagem da leitura e da escrita.

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, v. 20, n. 1, p. 147–158, jan. 2017.

“A presença da psicanálise no campo das aprendizagens escolares pode proporcionar subsídios para a melhor compreensão das práticas educativas. As propostas didático-pedagógicas de alfabetização são conduzidas, em grande medida, por meio de modelos tecnicistas que propõem a transferência da cadeia sonora da fala para a forma gráfica da escrita de modo eficiente.” (p. 148)

“É comum a criança em fase de alfabetização enfrentar angústias como efeito das demandas a que deve responder.” (p. 148)

“Os conceitos de sujeito e de desejo são desenvolvidos a partir da teoria de Jacques Lacan, na qual o termo sujeito é concebido a partir da noção de tema (sujet, do francês, no sentido de assunto, matéria, enredo) e o termo desejo como causa na constituição do sujeito. A partir de Lacan (1953/1998b), a psicanálise encontra subsídios para a compreensão do sujeito em constituição, no dinamismo das relações que estabelece com o outro semelhante por meio da linguagem.” (p. 148)

“ Ao falar, a criança promove uma ruptura que a coloca no espaço simbólico da linguagem, como sujeito barrado, dividido entre uma existência anterior e essa que assume como ser falante. O que fica suspenso e fora de possibilidade de representação simbólica está recalcado, opacificado e marca um lugar que Freud (1893-1895/1992) denominou de “condição latente”.” (p. 149)

“ Então, para corresponder às demandas impostas pela escola e pela família a esse sujeito da infância na aprendizagem — como tema que faz mover o desejo —, a criança deve fazer uma torção, uma mudança de posição mental: tomar para si a necessidade de aprender como existência no mundo da linguagem e assumir a nova posição que transpõe a demanda do outro para a demanda de desejo.” (p. 149)

“É possível encontrarmos a referência a esse Outro impessoal na preocupação de muitos pais sobre “o que os outros vão pensar dessa criança”, na indicação de que “é melhor fazer dessa forma e não de outra”; ou, ainda, que ela “deve comportar-se de um modo tal e não de outro”. Como afirma Lacan (1960/1998), o grande Outro não é sujeito, é o depositário da suposição de saber. Então, o sujeito nasce situado nesse plano do grande Outro, nessa suposição de saber, que é referência de sua constituição” (p. 150)

“A linguagem, como espaço do simbólico, é o lugar da inscrição dos sons da fala e dos traços e signos que constituem a escrita. A linguagem nos leva à noção de texto e de tecitura, como uma trama de significantes que vão formar os sentidos da linguagem” (p. 152)

“No entrelaçamento dos fios de significantes, o sujeito tece sua existência na linguagem pela trama da fala. Na conjugação de letras e sílabas, de signos e significantes, a criança opera uma torção com o simbólico, enlaçando o real e o imaginário. [...] Mesmo não sendo ainda um ser falante, a criança assume desde a origem essa condição ao compartilhar as impressões do discurso vigente por meio da fala de seus genitores e daqueles que a rodeiam.” (p. 153)

“O lugar do grande Outro, lugar da linguagem, é lugar necessário e de necessidade enquanto garantia ao sujeito de constituir-se como ser evanescente, que desliza nos significantes da fala [...] Partindo do conceito freudiano de transferência, Lacan contrapõe a intersubjetividade que tomamos tradicionalmente enquanto interação social, para situar a transferência que surge na ausência daquela, em situação psicanalítica de tratamento.” (p. 155)

“ [...] O acesso à leitura da língua falada emerge com a fala do adulto que está ao lado da criança e que orienta a presença humana para ela. O bebê responde às falas dos adultos reagindo de forma a absorver seu efeito com seus pensamentos, na ressonância a essas falas. Na “leitura do mundo” pela voz do adulto, a criança é levada a ouvir e escutar, nessa fala, a voz do outro e a voz de si própria.”

“O leitor entendido a partir da psicanálise, é o leitor da linguagem que nasce sob a égide de suas normas. Na leitura da linguagem, conjugam-se a gramática e a fonêmica, lugares em que o sujeito se reconhece.” (p. 156)

TEXTO 06

Psicologia do trabalho e psicanálise: Uma possibilidade de compreensão do sofrimento psíquico.

DUARTE, D. A.; CASTRO, M. D.; HASHIMOTO, F. Psicologia do trabalho e psicanálise:

Uma possibilidade de compreensão do sofrimento psíquico.- **Anais XIX Encontro de Psicologia UNESP-** pp. 01- 07, 2006

“Para compreender de que forma a organização vê o trabalhador faz-se necessário retomar a história da Psicologia do Trabalho e suas alterações ao longo de seu desenvolvimento, bem como averiguar as influências do pensamento capitalista para a concepção e saúde do trabalhador, uma vez que o surgimento do capitalismo histórico trouxe consigo a concepção de que o trabalho é algo essencial à vida do indivíduo.” (p. 02)

“Assim, a partir da abordagem psicanalítica proposta pela Psicodinâmica do Trabalho, buscou-se entender o que acontece com o indivíduo em sua relação com o trabalho, visto que tal referencial teórico propõe um estudo dinâmico dos processos intersubjetivos e interativos que se desenvolvem no ambiente de trabalho, o sofrimento criativo e patogênico que podem acometer o indivíduo, as estratégias de defesas individuais e coletivas, bem como um novo conceito de saúde proposto por Dejours.” (p. 02)

“[...] a Psicologia do Trabalho se volta para a compreensão do fenômeno humano na situação de trabalho, abrindo espaço para refletir sobre a precarização das relações de trabalho e o sofrimento físico e psíquico do trabalhador advindo das pressões do meio.” (p. 05)

“Entretanto, nem sempre o sofrimento é prejudicial à saúde física e mental do trabalhador. Pelo contrário, ele pode representar um meio de o sujeito, através da sublimação, conferir uma nova significação ao trabalho, à medida que, quando levado à resolução de problemas dentro da organização, o sujeito tem a chance de alcançar um reconhecimento social de seu trabalho e se torna capaz de dominar suas angústias e, conseqüentemente, controlar seu sofrimento, salvando seu equilíbrio mental.” (p. 06)

TEXTO 07

Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações

MENDES, A. M. B. Algumas contribuições teóricas do referencial psicanalítico para as pesquisas sobre organizações - **Estudos de Psicologia**, 2002, 7 (Número Especial), 89-96

“Não é intenção um aprofundamento na Psicanálise, mas tomar de empréstimo alguns conceitos que contribuem para uma proposta de um outro modo de escutar os fenômenos organizacionais, enfocando o entendimento dos aspectos dinâmicos que se integram ao entendimento do funcionamento, dos processos e dos comportamentos organizacionais.” (p. 89)

“[...] De outro, a Psicanálise pode contribuir para as teorias organizacionais com a exploração do inconsciente, usando seus referenciais teóricos para modificar o já posto, procurando provar, testar, desenvolver e transcender alguns dos constructos já estudados pela Psicologia

Organizacional tradicional, na tentativa de ampliar os insights sobre o fenômeno estudado.” (p. 90- 91)

“[...] As pesquisas em organizações com o referencial psicanalítico devem usar diferentes estratégias metodológicas devido à complexidade do que se busca investigar, bem como deve variar em função do objeto a ser estudado: o indivíduo, a organização ou a entidade abstrata, requerendo instrumentos específicos e coerentes com os procedimentos e análise a serem adotados.” (p. 91)

“Por ser um campo relativamente recente, que não conta com um número suficiente de pesquisas empíricas, não é possível a elaboração de um conjunto de princípios que fundamentem todas as investigações da área. Ainda são muitas as especificidades teóricas e metodológicas que têm guiado a maioria das pesquisas, o que não invalida as contribuições que têm trazido para o fortalecimento deste campo de investigação.” (p. 95)

TEXTO 08

Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas

DIAS, M. H.; SOUSA, E. L. A. Esporte de alto rendimento: reflexões psicanalíticas e utópicas- **Psicologia & Sociedade**; 24(3): 729-738, 2012

“Este “ainda falta” vivenciado no esporte, essa performance que nunca é boa o suficiente já que, após a sua comemoração, há de se pensar no novo limite a ser ultrapassado, está presente no nosso laço social como um todo, sendo potencialmente fonte de padecimento do sujeito contemporâneo.” (p. 129)

“No treinamento de alto rendimento, seja ele técnico, tático, físico e mesmo psicológico, o atleta não raras vezes é desconsiderado como sujeito. Na medida em que não participa ativamente do processo de construção de treino e em que os aspectos subjetivos são desconsiderados, fica numa posição de objeto frente ao discurso da alta performance.” (p. 730)

“[...] Segundo Barbanti (2000), a utopia se caracteriza por ser a manifestação histórica de um sujeito racional que, numa crítica implícita ao presente, prefigura uma outra forma de vida possível. Para Bloch (2005), a utopia está ligada àquilo que ainda-não-veio-a-ser, ao sonho para frente, ao antecipatório.” (p. 134)

“O espírito utópico desperta um pensamento crítico que marca o século XX. Segundo Barbanti (2000), a utopia se caracteriza por ser a manifestação histórica de um sujeito racional que, numa crítica implícita ao presente, prefigura uma outra forma de vida possível. Para Bloch (2005), a utopia está ligada àquilo que ainda-não-veio-a-ser, ao sonho para frente, ao antecipatório.” (p. 134)

TEXTO 09

Música e um pouco de silêncio: da voz ao sujeito

LIMA, C. M.; POLI, M. C. Música e um pouco de silêncio: da voz ao sujeito- *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XV número especial dez,2012 p.371-387

“ [...] Na trilha que abríamos, inquietava-nos o trabalho nas oficinas: espaços que conjugam psicose e os laços que podem ser produzidos a partir da música. Trabalhávamos com oficinas de música, com encontros semanais que reuniam cerca de dez a 15 usuários do serviço, de modo variável.” (p. 372)

“Talvez por isso o violão seja, em nossa experiência na oficina de música do Caps, tão requisitado pelos pacientes. Quando cada um tem seu tempo, o violão funciona diminuindo o “grau de incerteza no universo, porque insemina nele um princípio de ordem temporal” (idem).” (p. 374)

“A música, enquanto uma linguagem que não narra, mas que ressoa no corpo, nos parece ser um caminho possível para compreender a relação primordial do sujeito com o Outro. Para Didier-Weill (1997,1999) a música aproximaria o sujeito do Outro, situando-o como um “bom ouvinte”. Já através da fala, o sujeito e o Outro estariam muito mais próximos do mal-entendido. Deste modo, a música, em sua essência, seria indutora de uma sincronicidade estrutural entre sujeito e Outro, pois assim como não haveria um intervalo entre o instante no qual a música toca e o instante em que o corpo responde a essa música, tampouco haveria uma latência entre o instante no qual o sujeito cantando invoca o Outro e o instante em que ele advém. Assim, a música teria o poder de comemorar um tempo primordial de constituição, quando, antes de receber a palavra, o sujeito ganharia uma base sobre a qual esta se desenvolverá.” (p. 381)

“O silêncio decanta como ponto essencial do trabalho de dar voz ao sujeito. Para que ele fale desde esse lugar, de sujeito, é necessário que ele possa esquecer a voz do Outro criando aquilo que Vives (2009) aponta como “ponto surdo”. Só nesse ponto surdo é que o sujeito poderá tornar-se falante, esquecendo-se que é receptor do timbre originário.” (p. 383)

TEXTO 10

Modos de morar de pessoas com transtorno mental grave no Brasil: uma avaliação interdisciplinar

FURTADO, J. P.; et al. Modos de morar de pessoas com transtorno mental grave no Brasil: uma avaliação interdisciplinar- *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(12): p. 3683-3693, 2013

“A demanda por moradias de pessoas com transtorno mental grave (TMG) é uma implicação fundamental da mudança do modelo de assistência em saúde mental no Brasil, uma vez que prioriza o direcionamento do cuidado para a comunidade, superando a centralidade do hospital psiquiátrico [...] Segundo a estrutura básica, o modo de operar e o financiamento estabelecidos na referida portaria, SRT são casas inseridas preferencialmente no espaço urbano, destinadas a receber até oito egressos, que deverão ter suporte clínico e reabilitação psicossocial da rede municipal de saúde mental.” (p. 3684)

“[...] A complexidade intrínseca ao morar e suas múltiplas relações com a (re)inserção social nos parecem tornar imprescindível a interdisciplinaridade, isto é, a tentativa de efetiva articulação entre diferentes perspectivas e áreas do conhecimento.” (p. 3684)

“Sob a ótica da psicanálise, a questão de habitação e inserção social considerou dois aspectos: (1) a singularidade dos modos de viver de cada sujeito; (2) e como a dimensão de casa se articula às possibilidades subjetivas referidas ao íntimo em sua relação com o Outro.” (p. 3690)

“ [...] Um suporte atento e flexível, extramuros, pode ser decisivo para a manutenção de suas moradias e uma inserção ao menos funcional no espaço urbano e, para alguns, para a superação da institucionalização em albergues públicos e privados a que estão sujeitos.” (p. 3691)

TEXTO 01

Introdução à obra de Melanie Klein- Hanna Segal- Imago - 1975- I a V

“[...] Contudo, de 1934 em diante, formulou suas descobertas principalmente em termos de seu próprio conceito estrutural de posições. O conceito de “posição” não entra em conflito com o conceito de ego, superego e id, mas tem como; teor definir a estrutura real do superego e do ego, bem como o caráter de seus relacionamentos nos termos das posições esquizo-paranóide e depressiva.” (p. 12)

“No caso da análise de crianças a nova ferramenta foi a técnica de brincar (play technique). Inspirando-se nas observações de Freud (1920) quanto ao brincar da criança com o carretel, Melanie Klein viu que o brincar da criança poderia representar simbolicamente suas ansiedades e fantasias. Visto que não se pode exigir a crianças pequenas que façam associação livre, ela tratou seu brincar na sala de recreio do mesmo modo como tratou suas expressões verbais, isto é, com expressão simbólica de seus conflitos inconscientes.” (p. 13)

“Seguindo a simbolização e a repetição da criança, na transferência, de relações de objeto e ansiedades mais primitivas, ela foi levada a ver que as relações do objeto da criança se prolongavam pelo passado, exatamente até uma relação com objetos parciais, tais como o seio e o pênis, precedendo a relação com os pais como pessoas totais. Melanie Klein também descobriu que ansiedade sucinta por essas primitivas relações e objeto pode exercer uma constante influência posteriores e na forma do complexo de Édipo essas primitivas relações de objeto eram caracterizadas pela importância da fantasia.” (p. 14)

“Na fase oral sádica, a criança ataca o seio de sua mãe e o incorpora, ao mesmo tempo como destruído e como destrutivo “um seio interno perseguidor e mau”. E esse segundo Melanie Klein, constitui a raiz primitiva do aspecto persecutório e sádico do superego. Paralelamente a essa introjeção, em situações de amor e gratificação, a criança introjeta um seio amado e amoroso ideal, que se torna a raiz do aspecto ego ideal do superego.” (p. 15)

“A criança volta para o corpo da sua mãe todos os seus desejos libidinais, mais, por causa da frustração, inveja e ódio, também toda sua destrutividade. [...] Quando no áudio da ambivalência oral a criança penetra em sua fantasia e ataca o corpo da mãe e seus conteúdos, este se torna um objeto de ansiedade, que força a criança a se deslocar seu interesse do corpo da mãe para o mundo a volta de si. [...] Contudo, se a ansiedade é excessiva, todo o processo de formação simbólica vem a se interromper.” (P. 16)

“Segundo Melanie Klein, o superego não apenas precede o complexo de Édipo, mas também promove o seu desenvolvimento.” (P. 18)

“Melanie não teve acesso a compreensão da estrutura interna da criança seguindo a transferência e o simbolismo do brincar desta. Esta compreensão do brincar da criança como sendo a simbolização de suas fantasias levou a se dar conta de que não apenas o brincar mas

todas as atividades da criança (mesmo a mais realisticamente orientada) simultaneamente com a sua função de realidade, serviram para expressar e canalizar a fantasia inconsciente da criança através de meios de simbolização.” (p. 20)

“[...] Visto que os instintos agem a partir do Nascimento, pode se presumir que alguma grosseira vida de fantasia exista a partir do Nascimento. A primeira fome e o esforço instinto ao para satisfazer essa fome são acompanhados pela fantasia de um objeto capaz de satisfazê-la. [...] Os objetos fantasiados e a satisfação deles derivada são experimentos como acontecimentos físicos. [...] A formação da fantasia é uma função do ego” (P. 24)

“O ciúme baseia-se no amor e visa a posse do objeto amado e a remoção do rival. Pertence a uma relação triangular e portanto, a um período da vida em que os objetos são claramente reconhecidos e diferenciados uns dos outros. A inveja por sua vez é uma relação de duas partes, na qual o sujeito inveja ou objeto por alguma posse ou qualidade., nenhum outro objeto vivo precisa entrar nessa relação. O ciúme é necessariamente uma relação de objeto total ao passo que a inveja é experimentada essencialmente em termos de objetos parciais, embora persista em relações de objeto total.” (P.52)

“A inveja pode fundir-se a voracidade conduzindo a um desejo de esgotar inteiramente o objeto não apenas a fim de possuir toda sua bondade Mas também de esvaziar intencionalmente o objeto de modo que não tenha mais nada de invejável. [...] A inveja porém não se delimita a esgotar o objeto externo” (p. 52-53)

“Encontraste com a desvalorização e como a projeção da inveja, uma rígida idealização pode ser usada, numa tentativa de preservar algum objeto ideal. Contudo, tal idealização é muito precária, já que quanto mais ideal o objeto, mais intensa é a inveja. Todas essas defesas contribuem para incapacitar o ego.” (P. 57)

“Em um desenvolvimento mais normal a inveja se torna mais integrada. A gratificação experimentada no seio estimula a admiração, amor e gratidão, ao mesmo tempo que inveja. Esses sentimentos entram em conflito tão logo o ego começa a se integrar, e, se a inveja não for avassaladora, a gratidão a supera e modifica.” (p. 64)

“[...] Sabemos que o ponto de fixação das psicoses estão nos primeiros meses da tenra infância. Além disso sabemos que na doença psicológica ocorre regressão, não há uma fase de desenvolvimento que era em si normal, mas há uma que estavam presentes perturbações patológicas, criando bloqueios para o desenvolvimento e constituindo pontos de fixação.” (P. 66)

“Todos esses processos são perturbados quando, por razões internas ou externas, e mais freqüentemente por uma combinação de ambas, a experiência má predomina sobre a boa. [...] Na posição esquizo-paranóide, sob condições desfavoráveis, a identificação projetiva é usada de modo diferente de como é. [...] No desenvolvimento normal, o bebê projeta no seio e na

mãe parte do eu (self) e objetos internos. [...] No entanto, quando a ansiedade e os impulsos hostis e invejosos são intensos, a identificação projetiva ocorre de modo diferente.” (p. 67)

“O bebê esquizóide vive num mundo bastante diferente do de uma criança normal. Seu aparelho perceptual está danificado, ele se sente cercado por objetos hostis desintegrados, seus vínculos com a realidade ou estão quebrados ou são muito penosos, e sua capacidade para estabelecer vínculos e para integrar está rompida.” (p. 70)

TEXTO 02

A Psicanálise de Crianças - Melanie Klein - Imago 1997 - Parte I: Capítulos 1 a 3

“A psicanálise levou à criação de uma nova psicologia do desenvolvimento. As observações psicanalíticas ensinaram-nos que, mesmo nos seus mais tenros anos, as crianças experimentam não apenas impulsos sexuais e ansiedade, como também grandes desapontamentos.” (p. 23)

“O caso de Rita mostrou claramente que o 'pavor nocturnus' que surgiu com a idade de dezoito meses era uma expressão neurótica do seu conflito edípico.” (p. 24)

"A análise de crianças muito pequenas mostra que o conflito edípico se instala já na segunda metade do primeiro ano de vida e que a criança começa simultaneamente a construir o seu superego."(p. 27)

"O simbolismo é apenas uma parte dela. Se desejarmos compreender o brincar da criança corretamente em relação ao seu comportamento como um todo durante a sessão analítica, não devemos nos contentar em pinçar o significado dos símbolos isoladamente na brincadeira." (p. 27)

"Crianças neuróticas não toleram bem a realidade porque não podem tolerar frustrações. Protegem-se da realidade negando-a." (p. 31)

"Um dos resultados da análise de crianças muito pequenas deveria ser capacitar a criança a se adaptar à realidade."(p. 32)

"Outro princípio fundamental da técnica através do brincar é que a interpretação — no que concerne à profundidade — deve ser adequada para atingir a camada mental que está sendo ativada." (p. 42)

"Se o analista não se dá conta da urgência que assim se expressa no material, a criança normalmente interromperá o seu jogo e apresentará uma forte resistência, se não mesmo uma ansiedade explícita." (p. 44- 45)

TEXTO 03

A Psicanálise de Crianças - Melanie Klein Imago 1997 Parte I: Capítulos 4 a 7

“As crianças no período de latência têm uma vida imaginativa limitada, em consonância com a forte tendência à repressão característica dessa idade; por outro lado, em comparação com o adulto, o ego delas é ainda pouco desenvolvido e elas não têm nem insight com respeito à sua doença nem desejo de serem curadas e, por isso, elas não têm incentivo para começar uma análise nem encorajamento para prosseguir com ela” (p.78)

“Descobri muitas vezes que tal mudança nos dá um insight com respeito às causas de mudanças de uma posição psicológica para outra ou das flutuações entre essas posições e, daí, quanto à dinâmica da interação entre as forças mentais.” (p.83)

“Análises típicas na época da puberdade diferem em muitos aspectos essenciais de análises no período de latência. As moções pulsionais da criança são mais poderosas, a atividade da sua fantasia maior e seu ego tem outros objetivos e uma relação diferente com a realidade. [...] O afastamento e modificação da ansiedade, que também é uma função essencial do ego no caso da criança pequena, é, no entanto, realizado com maior êxito pelo ego mais desenvolvido do adolescente.” (p.99)

“A fantasia do adolescente é, contudo, mais adaptada à realidade e a seus interesses egóicos mais fortes, e o conteúdo delas é, por esse motivo, muito mais facilmente reconhecível do que nas crianças pequenas.” (p.100)

“Nas crianças, há um tipo de vivacidade excessiva que muitas vezes vem acompanhada de uma maneira despótica e desafiadora e que as pessoas, a partir do seu próprio ponto de vista, freqüentemente confundem ou com um sinal especial de “temperamento” ou com desobediência mesclada com desafio e desprezo. [...] Tal comportamento é também uma forma de compensar a ansiedade e esse método de lidar com a ansiedade influi muito na formação do caráter da criança e na sua atitude posterior com relação à sociedade. [...] Há uma maneira de brincar por trás da qual — especialmente durante a transição para o período de latência — se escondem movimentos estereotipados ou rígidos.” (p.117)

“[...] As fantasias de masturbação são não apenas a base de todas as atividades do brincar da criança como também um componente de todas as suas posteriores sublimações. [...] Quando essas fantasias reprimidas são liberadas na análise, podemos ver a criança pequena a brincar e a criança mais velha a aprender e a desenvolver sublimações e interesses de todos os tipos; e, semelhantemente, se ela estava sofrendo de uma fobia a tocar, começará a se masturbar novamente.”(p.133)

TEXTO 04

A Psicanálise de Crianças - Melanie Klein - Imago - 1997 - Parte I: Capítulos 8 a 10

“Ele mostra que, quando o bebê que suga está com fome, ele sente ansiedade como resultado de um aumento de tensão causado por sua necessidade, porém essa situação de ansiedade arcaica tem um protótipo ainda anterior.” (p.147)

“Ele considera esse processo fundamental para as relações do indivíduo com seus objetos e no mecanismo da projeção. Prossegue dizendo: “Uma outra porção [da pulsão de morte] não partilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com a ajuda da excitação sexual que a acompanha, acima descrita, se torna ali libidinalmente ligada. É nessa porção que temos que reconhecer o masoquismo erógeno original.”(p.148)

“A interação entre a formação do superego e relações de objeto, baseada numa interação entre projeção e introjeção, influencia profundamente o seu desenvolvimento.” (p.168)

“O ponto que eu sustento, de que nos estágios mais arcaicos do desenvolvimento a criança atravessa uma fase em que seu sadismo se encontra no auge em todos os seus campos de origem, é apenas uma ampliação da teoria aceita e bem estabelecida de que um estágio de sadismo oral (canibalismo) é seguido por um de sadismo anal.” (p.170)

“O indivíduo vai se tornando cada vez mais eficiente na superação da ansiedade, graças ao desenvolvimento progressivo do bebê em direção ao estágio genital, durante o qual ele introjeta imagens mais amistosas, resultando em uma mudança no caráter dos métodos do superego.”(p.173)

“Nas suas brincadeiras, até mesmo a criança muito pequena tentará superar suas experiências desagradáveis, como Freud demonstrou na brincadeira de um menino de um ano e meio.³ A criança arremessou um carretel de madeira amarrado a um fio de linha, de modo que o carretel desaparecesse, e, então, puxando-o de volta à vista, fê-lo reaparecer.” (p.196)

“ Uma vez que a presença e o amor dos seus objetos reais também têm o propósito de diminuir o medo que a criança pequena tem de seus objetos introjetados e o seu sentimento de culpa, o seu medo dos perigos internos fortalece sua fixação na mãe e aumenta significativamente sua necessidade de amor e de ajuda.” (p.198)

“No brincar de crianças pequenas podemos, assim, reconhecer que o ego arcaico da criança só alcança parcialmente o objetivo de controlar a ansiedade. Com o início do período de latência, a criança controla melhor sua ansiedade e, ao mesmo tempo, mostra uma capacidade maior de corresponder às demandas da realidade. [...] Análises de crianças no período de latência mostram que não apenas cada pormenor dos seus deveres de casa, como também todas as suas várias atividades em trabalho manual, desenho e assim por diante, são utilizados em fantasia para restaurar seus próprios genitais e corpo, bem como o corpo da mãe e os seus conteúdos, o pênis do pai, os irmãos e irmãs, etc. Do mesmo modo, cada item isolado do seu

próprio vestuário ou da boneca, tais como colarinhos, punhos, chalés, chapéus, cintos, meias, sapatos, tem um significado simbólico.” (p.203)

TEXTO 05

A Psicanálise de Crianças - Melanie Klein - Imago - 1997 - Parte I: Capítulos 11 a 12

“Esses pressupostos diferem em alguns aspectos da teoria psicanalítica aceita. Freud chegou à conclusão de que é o complexo de castração que introduz o complexo de Édipo da menina e que o que a faz afastar-se da mãe é o ressentimento que sente por esta lhe ter negado um pênis.” (p 214- 215)

“Como sabemos, no estágio da incorporação parcial o objeto é representado por uma parte dele; desse modo, o pênis do pai representa o pai como um todo. É por isso, creio, que as imagos paternas mais arcaicas da criança — o núcleo do superego paterno — são representadas pelo pênis do pai. Como eu procurei mostrar, o caráter aterrorizador e cruel do superego nas crianças de ambos os sexos se deve ao fato de que elas começaram a introjetar seus objetos em um período de desenvolvimento em que seu sadismo se achava no auge.” (p.217)

“Quanto mais ansiedade o indivíduo tem e quanto mais neurótico ele é, tanto mais as energias do seu ego e as suas forças pulsionais serão absorvidas na tentativa de superar a ansiedade; e aí, também, a satisfação libidinal será empregada primariamente com o propósito de dominar a ansiedade.” (p.220)

“Portanto, mesmo em uma época em que o menino ainda está sob o domínio de seu sadismo e quando os meios por ele empregados são totalmente de uma natureza destrutiva, o impulso para dominar a ansiedade se torna um estímulo para obter satisfação genital é um fator que promove desenvolvimento.” (p.263)

TEXTO 06

Amor, Culpa e Reparação - Melanie Klein - Imago - 1996 - Capítulos: 09 e 17

“[...] O complexo de Édipo entra em ação mais cedo do que se costuma imaginar. No artigo “Os princípios psicológicos da análise de crianças pequenas”, examinei este assunto em maiores detalhes. A conclusão a que cheguei lá é que as tendências edipianas são liberadas como consequência da frustração sentida pela criança com o desmame, e que se manifestam no final do primeiro e início do segundo ano de vida; elas são reforçadas pelas frustrações anais sofridas durante o treinamento dos hábitos de higiene. O próximo elemento que influencia de forma determinante os processos mentais é a diferença anatômica entre os sexos. O menino, quando se vê impelido a trocar a posição oral e anal pela genital, passa a ter o objetivo da penetração associado à posse do pênis. Assim, ele muda não só sua posição libidinal, mas também seu objetivo, o que permite que mantenha o objeto amoroso original. No caso da menina, por outro lado, o objetivo receptivo passa da posição oral para a genital: ela muda sua posição libidinal, mas mantém o mesmo objetivo, que já levou à frustração em

relação à mãe. Desse modo, a menina desenvolve a receptividade para o pênis e se volta para o pai como objeto amoroso.” (P. 213)

“Essas conclusões abrem uma nova perspectiva. Um ego ainda muito fraco só é capaz de se defender de um superego tão ameaçador através de forte repressão. Uma vez que as tendências edipianas de início se expressam sob forma de impulsos orais e anais, a questão de quais fixações serão predominantes no desenvolvimento edipiano será resolvida, principalmente, pelo grau de repressão que ocorre nesse estágio inicial.” (P. 214)

“A menina tem o seu impulso epistemofílico despertado pelo complexo de Édipo; o resultado é a descoberta de que não possui um pênis. Ela sente essa falta como mais um motivo para odiar a mãe, mas ao mesmo tempo seu sentimento de culpa faz com que a encare como uma punição. Isso torna mais amarga sua frustração nesse sentido e, por sua vez, exerce uma influência profunda no complexo de castração como um todo” (p. 219)

“Os estágios iniciais do conflito edipiano são tão dominados pelas fases pré-genitais do desenvolvimento, que quando a fase genital começa a entrar em atividade, ela permanece oculta e só mais tarde, entre o terceiro e o quinto ano de vida, pode ser detectada com clareza. Nessa idade, o complexo de Édipo e a formação do superego atingem seu clímax. No entanto, o fato de as tendências edipianas se iniciarem bem mais cedo do que pensávamos, a pressão do sentimento de culpa que, portanto, recai sobre os níveis pré-genitais, a influência determinante exercida tão cedo sobre o desenvolvimento do complexo de Édipo, por um lado, e, por outro, sobre o superego, assim como sobre a formação do caráter, a sexualidade e todo o resto do desenvolvimento do indivíduo — tudo isso me parece ter uma grande importância, ainda não reconhecida. Descobri o valor terapêutico desse conhecimento na análise de crianças, mas ele não se limita a essa área. Tive a oportunidade de testar as conclusões retiradas dessa prática na análise de adultos e constatei não só que sua validade teórica estava confirmada, mas também que sua importância terapêutica era inegável.” (P. 224)

(CAPÍTULO 17- “[...] Já nos primeiros meses de existência, o bebê tem impulsos sádicos dirigidos não só contra o seio da mãe, mas contra o interior de seu corpo: desejos de esvaziá-lo, de devorar seu conteúdo e de destruí-lo com todos os meios que o sadismo pode imaginar. O desenvolvimento do bebê é governado por mecanismos de introjeção e projeção.[...]” (P. 304)

“Assim, crianças muito pequenas passam por situações de ansiedade (e reagem a elas com mecanismos de defesa), cujo conteúdo pode ser comparado ao das psicoses nos adultos. Um dos métodos mais remotos de defesa contra o medo de perseguidores, quer estes sejam considerados externos ou estejam internalizados, é a escotomização, ou seja, a negação da realidade psíquica; isso pode causar considerável restrição dos mecanismos de introjeção e projeção, além da negação da realidade externa.” (P. 304)

“As defesas típicas da paranóia buscam principalmente eliminar os “perseguidores”, ao mesmo tempo em que a ansiedade pelo próprio ego ocupa um lugar central. À medida que o

ego se torna mais organizado, as imagens internalizadas vão se aproximando da realidade e ele se identifica de forma mais completa com os objetos “bons”” (p. 305)

“juntamente com esse desenvolvimento ocorre uma mudança da maior importância: a passagem de uma relação de objeto parcial para a relação com um objeto total. Ao dar esse passo, o ego atinge nova posição, que serve de base para a situação chamada de perda do objeto amado. Só quando o objeto é amado como um todo é que sua perda pode ser sentida como um todo. Com essa mudança na relação com o objeto, surgem novos conteúdos de ansiedade e ocorre uma transformação nos mecanismos de defesa [...] Isso leva ao enfraquecimento dos desejos orais.” (P. 306)

“Em minha opinião, o mecanismo paranóico de destruir os objetos (tanto no interior do corpo quanto no mundo exterior) com todos os meios derivados do sadismo oral, uretral e anal ainda persiste, mas numa intensidade bem menor e com certa modificação devida à mudança ocorrida na relação do sujeito com seus objetos.” (p. 307)

“[...] o ego procura manter os objetos bons afastados dos maus, os reais afastados dos fantásticos. O resultado é uma idéia de objetos extremamente maus e outros extremamente perfeitos, ou seja, os objetos amados são em vários aspectos profundamente morais e exigentes.[...]” (P. 310)

“[...] nos primeiros meses de vida a criança passa por ansiedades paranóides relacionadas aos seios “maus” que se negam, percebidos ao mesmo tempo como objetos externos e internalizados.[...]” (P. 325-326)

“no período de amamentação, quando começa a ver a mãe como uma pessoa completa e passa da introjeção de objetos parciais para a introjeção do objeto total, a criança experimenta alguns dos sentimentos de culpa e remorso, algumas das dores que resultam do conflito entre o amor e o ódio incontrolável, algumas das ansiedades em torno da morte iminente dos objetos amados externos e internalizados.” (P. 327)

“[...] quanto mais a criança conseguir desenvolver uma boa relação com sua mãe real nesse estágio, maior será a facilidade com que superará a posição depressiva. [...] O aumento do amor pelos objetos bons e reais é acompanhado por uma maior confiança do indivíduo na sua própria capacidade de amar e por uma diminuição da ansiedade paranóide em torno dos objetos maus.” (P. 328)

TEXTO 07

Amor, Culpa e Reparação - Melanie Klein - Imago - 1996 - Capítulos: 18 e 19

“O desmame (1936)”

“Se as dificuldades da primeira fase são superadas dentro da normalidade, o bebê provavelmente conseguirá lidar com os sentimentos de depressão gerados no estágio crucial seguinte, que se estende aproximadamente dos quatro aos seis meses de idade.” [...] (P.345)

“ A primeira, “Ódio, voracidade e agressão”, trata dos fortes impulsos do ódio que são parte fundamental da natureza humana. A segunda, onde procuro fazer uma descrição da força igualmente poderosa do amor e do impulso de reparação, serve como complemento à primeira, pois a aparente divisão subentendida por esse tipo de apresentação na verdade não existe na mente humana.” (P. 347)

“O papel essencial que o pai desempenha na vida emocional da criança também influencia todas as suas relações amorosas posteriores, assim como toda a sua ligação com outras pessoas. No entanto, a relação do bebê com o pai, na medida em que este é percebido como uma figura gratificante, amistosa e protetora, é modelada em parte sobre a relação com a mãe.” P. 348

“Uma característica muito importante dessas fantasias destrutivas, que equivalem a verdadeiros desejos de morte, é que o bebê se sente como se aquilo que desejou nas suas fantasias realmente tivesse acontecido; “ (p. 349)

“Essas situações geram muitos conflitos: a menina, apesar de odiar a mãe, também a ama; o menino ama o pai e gostaria de poupá-lo do perigo criado pelos seus impulsos agressivos. Além disso, o principal objeto de todos os desejos sexuais —no caso da menina, o pai, no do menino, a mãe —também provoca ódio e a vontade de vingança, pois esses desejos são frustrados. A criança também tem um profundo ciúme dos irmãos, pois estes são rivais na disputa pelo amor dos pais. Ela, no entanto, ao mesmo tempo os ama, o que gera mais uma vez fortes conflitos entre os impulsos agressivos e o amor. Isso leva ao sentimento de culpa e ao desejo de oferecer compensações: uma vez que nossas relações com as pessoas em geral são moldadas a partir desse mesmo padrão, essa mistura de sentimentos é muito importante não só na nossa relação com nossos irmãos, mas também na nossa atitude social, nos sentimentos de amor e ódio, e no desejo de fazer compensações pelo resto da vida.” (P. 351)

“Tanto na mente inconsciente da criança quanto na do adulto, ao lado dos impulsos destrutivos há uma profunda ânsia de fazer sacrifícios, a fim de ajudar e restaurar as pessoas amadas que foram feridas ou destruídas na fantasia. Nas profundezas da mente, o desejo de deixar as pessoas felizes está ligado à forte sensação de responsabilidade e de preocupação com elas, que se manifesta através da solidariedade genuína com os outros e da habilidade de compreender como eles são e como se sentem.” (p. 352)